

# ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 1 ISSN 2179-3441

---

## A recepção de Nietzsche no Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição em Viamão/RS. Uma recepção marcada pelo conservadorismo ultramontano

*The Nietzsche's reception at the Major Seminary of Our Lady of Conception in Viamão/RS. A reception marked by ultramontane conservatism*

Adilson Felício Feiler 

Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

Belo Horizonte, MG, Brasil

Contato: feilersj@yahoo.com.br

### Resumo:

Em continuidade a esta série de artigos, publicados a respeito da Recepção de Nietzsche em ambientes de formação religiosa no Sul do Brasil, não poderia faltar aquele que foi considerado, entre as décadas de 50 a 90, o maior Seminário da América Latina: o Seminário Nossa Senhora da Conceição, em Viamão/RS. Desde os seus primórdios, a concepção deste Seminário traz elementos importantes para compreendermos qual o tipo de recepção que nele tem os escritos do Filósofo Alemão. Fruto de um conjunto de situações marcadas por desentendimentos, celeumas, incompreensões e desafetos, o Seminário de Viamão traz em seu DNA a marca de um tipo de formação para futuros ministros ordenados da Igreja Católica, caracterizada pela ortodoxia e pelo conservadorismo. Diferentemente daquele que, até antes da constituição deste Seminário, aquele dirigido pelos jesuítas em São Leopoldo, como já tivemos a oportunidade de analisar em outro artigo, o Seminário de Viamão, pelas suas características, vai moldar um tipo de recepção dos escritos de Nietzsche marcado pelo conservadorismo ultramontano. Será apresentada a maneira pela qual o filósofo alemão foi recepcionado entre as paredes do seminário viamonense, dando destaque ao porquê deste tipo de recepção.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Recepção. Cristianismo. Conservadorismo. Triunfalismo.

### Abstract:

In continuation to the series of articles that we have published about the Nietzsche Reception in religious formation environments in Southern Brazil, one could not miss is that which was considered between the 50's and 90's the largest seminary in Latin America: The Major Seminary of Nossa Senhora da Conceição, in Viamão/RS. Since its beginnings, the conception of this Seminary has brought important elements to understand what kind of reception given to the writings of the German

---

Philosopher in it. The result of a set of situations marked by disagreements, uproars, misunderstandings and disaffections, the Seminar of Viamão bears in its DNA the mark of a type of formation for future ordained ministers of the Catholic Church characterized by orthodoxy and conservatism. Unlike the one that, even before the formation of this Seminary, the Jesuit one in São Leopoldo, as we have already had the opportunity to analyze in another article, the Viamão Seminary, due to its characteristics, will shape a type of reception of Nietzsche's writings marked by ultramontane conservatism. The way in which the German philosopher was received within the walls of the Viamonense seminar will be presented, highlighting the reason for this type of reception.

**Keywords:** Nietzsche. Reception. Christianity. Conservatism. Triumphalism.

O Seminário Maior<sup>1</sup> Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade de Viamão, no Estado do Rio Grande do Sul, teve seu funcionamento entre os anos de 1954 a 2003. Foi considerado o maior Seminário de formação do clero católico da América Latina, denominado popularmente de Elefante Branco. Sua área ocupa 15 hectares, com 32 mil metros quadrados de área construída. A vastidão deste recinto de formação não se resume somente às instalações físicas, mas principalmente ao renome acadêmico de que gozou em seus 49 anos de funcionamento. A sua idealização se deu pelo então Arcebispo Metropolitano Dom Vicente Scherer, cujos inúmeros méritos no múnus de seu episcopado lhe valeram a função de Cardeal, algo inédito para a Arquidiocese de Porto Alegre. Como se trata de um título institucional, conferido pelo Papa àqueles que se destacam em ortodoxia e fiel observância às normas e estatutos da Igreja Católica, ao Cardeal Dom Vicente Scherer tal título caiu como uma luva. A observância da instituição foi uma constante na vida e atuação deste Arcebispo, em todos os seus aspectos, inclusive em sua preocupação com a formação de seus seminaristas, que até antes de 1954 estavam confiados aos jesuítas, no Seminário Central Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, como tivemos a oportunidade de analisar em artigo anterior.<sup>2</sup>

A formação que os jesuítas lideravam, em todos os locais pelos quais passavam, foi sempre marcada pela excelência acadêmica. Inclusive, a fundação desta ordem religiosa teve como distintivo a colaboração na Igreja para a formação com excelência acadêmica e espiritual daqueles que se destinam a assumir o mistério ordenado na Igreja Católica. Contudo, além de defender um tipo de formação intelectual destacada, os jesuítas mantiveram uma postura questionadora, com apresentação de determinadas observâncias quanto a certos dogmas e ensinamentos propugnados pela hierarquia da Igreja Católica. Tais questionamentos não se aplicam ao conteúdo em si de tais dogmas, mas à maneira de os conceber e, principalmente, observar. Os jesuítas, inspirados pelo seu fundador, Inácio de Loyola, procuravam ser homens de seu tempo, acompanhando

---

<sup>1</sup> A designação de Seminário Maior no contexto da formação de futuros membros do presbitério da Igreja Católica Romana se dá em virtude de que neste seminário se encontram as etapas dos dois cursos superiores que completam esta formação, a saber, a Filosofia e a Teologia.

<sup>2</sup> Cf. FEILER, 2017.

as transformações oriundas da moderna ciência, para assim formar pessoas capazes de debater com a elite pensante da sociedade.

Esta dimensão aberta ao diálogo com a sociedade, própria do carisma dos jesuítas, também tem sido causa de diversos mal-entendidos, como é o caso da absorção de leituras que fogem àquilo que é considerado fora dos limites da chamada normalidade. Dentre estas leituras, ocupam destaque escritos de filósofos considerados da suspeita, como é o caso de Nietzsche. Os jesuítas souberam como recepcionar este filósofo, como na Inglaterra, pelo trabalho realizado por Frederic Copleston e, na França, por Paul Valadier. Assim também poderíamos ainda apontar muitos outros casos, em diversas outras partes do mundo. Porém, esta abertura ao diálogo com filósofos deste perfil nem sempre foi bem-vista, sobretudo por setores mais conservadores da hierarquia da Igreja. A postura destes últimos com relação àqueles tem sido de incompreensão e até de hostilidade, sendo, por isso, acusados de laxismo.

Realizamos esta pequena análise inicial para situarmos como se deu a recepção dos escritos de Nietzsche naquele que foi considerado o maior Seminário Maior de formação para futuros ministros ordenados na Igreja Católica da América Latina. A maneira como se deixou a formação liderada pelos jesuítas em São Leopoldo, para se inaugurar outro centro de formação, à parte, já nos traz inúmeras pistas para deduzirmos como Nietzsche foi recepcionado naquele então novo centro de formação clerical. As fontes que utilizamos na confecção deste trabalho são provenientes da Biblioteca do Seminário Maior de Viamão, mas que, após o seu fechamento em 2003, se encontram, no momento, na Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O nosso percurso se dá em três momentos, iniciando por uma reconstituição histórica dos primórdios do Seminário Maior de Viamão, desentendimentos, celeumas e conflitos entre diferentes concepções formativas: por um lado, aquela liderada pelos jesuítas, e, por outro, aquela liderada pelos padres da Arquidiocese de Porto Alegre, na pessoa de seu gestor, O Cardeal Dom Vicente Scherer. Passamos por um segundo momento, em que analisamos as diferentes fontes que inspiraram um determinado tipo de leitura de Nietzsche e que, por sua vez, resultou num determinado tipo de recepção deste mesmo filósofo, presente em artigos, palestras e manuais de aulas. Finalmente, no terceiro e último momento, trazemos alguns aspectos que envolvem a interpretação do pensamento de Nietzsche nesse contexto de recepção, para a compreensão e esclarecimento de seu pensamento.

Esperamos, com isso, trazer a público mais um tipo de recepção de Nietzsche em um contexto de formação religiosa. Com isso, esperamos reafirmar nosso compromisso social, em desmistificar leituras que não correspondem à sua fonte primigênia, de modo a fazermos justiça a este que dentre os filósofos mais se prestou a mal-entendidos.

## **Os primórdios que idealizaram a construção do Seminário Maior de Viamão: celeumas, discórdias e a ruptura. Pistas de um tipo de recepção de Nietzsche**

Para se compreender qual o tipo de recepção que o pensamento de Nietzsche encontrou no Seminário Central de Viamão, se faz necessário apresentar alguns dados historiográficos atinentes à sua idealização. Os seus primórdios remontam, de maneira especial, à relação que a hierarquia da Igreja estabelecia com o Seminário Central de São Leopoldo, onde se realizou um tipo de recepção de Nietzsche marcada pelo entusiasmo com relação à sua estilística, assim como em relação a alguns temas de crítica à moral<sup>3</sup>. Com relação à questão moral, o Seminário de São Leopoldo foi considerado laxista em sua formação, por introduzir o ensino de ideias novas, oriundas de pensadores considerados heterodoxos, como é o caso de Nietzsche.

O Seminário Central de São Leopoldo, o Nossa Senhora da Conceição, foi considerado um centro de formação oficial para o preparo de futuros ministros ordenados da Igreja Católica Romana. Nele não apenas se formavam os membros da Companhia de Jesus, mas também de algumas outras ordens religiosas e do clero secular, não apenas das dioceses do Estado do Rio Grande do Sul, mas também de diversos outros estados brasileiros. As instalações daquele seminário consistiam em dois prédios antigos localizados à beira do Rio dos Sinos, no centro da cidade de São Leopoldo. Destacamos que, em um destes prédios, funcionou o primeiro Colégio das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã. Portanto, tratam-se de dois prédios já bastante antigos e em processo de deterioração adiantados, razão pela qual planejou-se uma reforma dos prédios. Contudo, os recursos angariados não foram suficientes para a realização das obras necessárias. Uma das medidas que foi tomada, inclusive, no sentido de aumentar a arrecadação, foi o aumento do valor da anuidade cobrada por cada seminarista, o que também não foi encarado com simpatia pelos bispos das diferentes dioceses. Ainda tornou a situação mais penosa o fato de que foram sendo criadas novas dioceses neste período, o que redundou no aumento do número dos seminaristas, fazendo com que o espaço se tornasse insuficiente para a sua acolhida<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> FEILER, 2017.

<sup>4</sup> As condições insalubres das instalações do Seminário Central, o consequente aumento no valor do *per diem* por seminarista e o crescente número de seminaristas, constituíram as três razões que levaram a Sua Eminência, o Cardeal Vicente Scherer a encabeçar a construção do Novo Seminário em Viamão. Bem, estas foram as razões que ele escreveu na carta endereçada ao Núncio Apostólico no Brasil (Embaixador Papal representando o Pontífice em cada país), para que este comunicasse, por sua vez, ao encarregado pontifício pelos Seminários, e assim poderem receber a autorização definitiva do Papa. No entanto, já havia diversos outros problemas que rondavam a existência do Seminário Central de São Leopoldo, que não estão escritos nestas correspondências pontifícias, contudo, estas constam em cartas trocadas entre o Cardeal Vicente Scherer e o Provincial dos Jesuítas. E nestas cartas se lê em tom acalorado a reação hostil do Cardeal frente à evasão de grande número de seus seminaristas para a Ordem dos jesuítas, pela campanha subliminar que os frades (Fratre é o Estudante jesuíta que, uma vez concluído o noviciado, segue seus estudos de filosofia e teologia até a sua ordenação sacerdotal) jesuítas realizavam com seus colegas de aula. Esta situação se tornou tão delicada a ponto de que o visitador pontifício, encarregado pelos seminários da Igreja Católica Romana no mundo, viesse ao

O privilégio que se deu à formação no Seminário Maior de Viamão foi marcado pelos estudos humanísticos. Para tanto, o estudo das disciplinas literárias, com ênfase no grego e no latim, ocupou lugar de distinção. Contudo, embora o Seminário de Viamão possuísse um caráter universitário, o que mais importou foi formar a piedade sacerdotal. Por essa razão, emprestamos a palavra a seu grande idealizador:

Mas para Jesus e seus doze primeiros seminaristas e futuros apóstolos, o Gethsêmani, situado longe do bulício do mundo, era também lugar habitual de oração. O Seminário, por sua vez, quer formar sacerdotes imbuídos do espírito de Deus, que ensinem mais pelo exemplo que pela palavra, e sejam filhos da graça, eles que a devem comunicar a homens afundados em preocupações de ordem terrena. O sacerdote de poucas letras, mas de profunda piedade, seria incomparavelmente mais útil às almas que outro de vasta ilustração mas contaminado pelo espírito do século (SCHERER, 1979, p. 20).

Destas palavras se depreende uma série de elementos importantes para compreendermos qual o tipo de formação que se queria enfatizar. Diferentemente dos jesuítas, que se preocupavam mais com a excelência acadêmica, no Seminário de Viamão o acento se direcionava à formação para a piedade sacerdotal. Para tanto, inclusive, o local do seminário deveria privilegiar a busca pela distância do século. Quanto mais a sua localização estivesse distanciada da balbúrdia da grande cidade, mais se poderia exercitar na formação da vida de piedade, sem a influência externa

---

Seminário Central e resolvesse a querela. Se diz que na reunião final, em que se fizeram presentes o Cardeal, o Provincial dos jesuítas, o Reitor do Seminário Central e o Visitador Pontifício, a situação se tornou tão animosa que o Visitador, com um golpe de mão sobre a mesa, disse: “Que se coloque uma pedra sobre este assunto.” Bem, a pedra foi colocada sobre o assunto naquela situação, mas foi só momentaneamente, pois os ânimos já estavam bastante acirrados. Soma-se a isso o modelo de formação que os jesuítas empregavam, e que era considerado pelos representantes do clero da Arquidiocese de Porto Alegre como extremante laxista, não condizente com a ortodoxia e a doutrina da Igreja Católica. Esta, podemos dizer que foi a razão principal que levou a desencadear todo o conflito entre o Cardeal e os jesuítas, propiciando a constituição de uma celeuma, que veio a resultar na ruptura. E, quando se fala em ruptura, se quer dizer que se tem a constituição de um Novo Seminário para a formação de seus Seminaristas: O Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, mediante aquisição realizada em Viamão. A aquisição do espaço para a construção do novo Seminário se deu através da compra de uma fazenda pertencente aos irmãos Gertum, como o próprio Cardeal Dom Vicente Scherer se pronuncia “(...) a sua compra foi contratada em 04 de agosto de 1949 e escriturada em 28 de dezembro de 1950” (SCHERER, 1979, p. 18). Pois o local era considerado aprazível, fora do centro urbano, com ar puro, vegetação e veios de água que permitiam a sua captação para o consumo do seminário. A área adquirida permite além da construção de um espaço físico espaçoso, também a constituição de uma chácara para o cultivo de produtos para o consumo do seminário. Chama a atenção que, apesar de toda a celeuma instalada entre o cardeal e os jesuítas, aquele os convidou para a inauguração do seminário. Lá se fez presente o então Provincial, Pe Erwin Friedrich. Ainda um outro aspecto que salta aos olhos foi o fato de que o Cardeal ofereceu aos jesuítas a direção do Novo Seminário, com relação às dimensões pedagógicas e espiritual, porém excetuando-se a direção administrativa. Bem, o que se pode concluir disto é o fato de que se fez este convite para que não fosse aceito, já que os jesuítas não tinham recursos humanos suficientes para manter os dois seminários, à saber, o de São Leopoldo e o de Viamão. O Seminário de Viamão acabou sendo dirigido totalmente pelos padres seculares, adotando-se assim aquele estilo de formação que mais se considerava conveniente.

do mundo. Estas palavras nos ajudam a compreender ainda mais o perfil formativo do Seminário de Viamão.

No jardim das Oliveiras iniciou Jesus a sua Paixão e sofreu as torturas de agonia mortal que lhe arrancou suor e sangue. O jovem seminarista começa no Seminário uma carreira que, bem ele o sabe, não lhe propiciará a glória e as comodidades geralmente tão apetecidas principalmente em nossos dias de epicureísmo, mas aspirará a estreita união com Jesus Crucificado, completando na sua vida, pela participação em todas as dores humanas e pela multiforme oblação de si mesmo como vítima voluntária, 'o que falta à paixão de Cristo (Col. 1,24)' (SCHERER, 1979, p. 20).

Esta passagem acima ajuda ainda mais a entender o elemento ascético da formação no Seminário Maior de Viamão. Ela privilegia exatamente aquilo que Nietzsche condena em sua terceira dissertação de *Para a genealogia da moral*, quando trata sobre a postura do sacerdote ascético.

Todo o excuro historiográfico acima se justifica enquanto recurso metodológico, para se compreender a origem ultramontana do Seminário Maior de Viamão, e, com isso, o modo pelo qual Nietzsche é nele recepcionado. Neste, o pensamento de Nietzsche é visto como dismantelador da ordem estabelecida, o que representa ameaça para uma organização permeada pelo ultramontanismo<sup>5</sup>. A maneira pela qual Nietzsche foi recepcionado no Seminário Maior revela certa tendência para a compreensão desse pensador como relativista, por isso foi entendido como suposto perigo para a formação daqueles que pretendem assumir o serviço sacerdotal. Pois, como já acompanhamos, pela forma com que o Seminário Maior de Viamão foi gestado, tudo o que era tido mediante a formação jesuíta foi considerado laxista. O Seminário Maior de Viamão, em última análise, constitui uma resposta ao laxismo jesuíta, a fim de fazer com que a formação, tanto no seu aspecto intelectual quanto espiritual e de postura disciplinar prática, fosse permeada por regramentos mais rígidos, com o intento de retomar aquela antiga grande disciplina, própria de uma vida caracterizada pela *fuga mundi*.<sup>6</sup> De acordo com as palavras do Cardeal Dom Vicente Scherer, no que toca aos professores e à orientação do Seminário:

Este Seminário ficará sob a imediata direção do Episcopado e, por mais esta razão, nele se cultivará entranhadamente o 'sensus romanus', a fidelidade, o amor e a devoção ao Sumo Pontífice o Papa, representante de Cristo, fiador da pureza e da integridade da fé. O seu magistério, ordinário e extraordinário, terá um eco fidelíssimo nas cátedras desta casa e, segundo as diretivas sempre sábias e atualizadas da Sagrada Congregação dos

---

<sup>5</sup> O ultramontanismo se caracteriza como uma doutrina que defende a posição tradicional da Igreja Católica Romana de sustentar a tese da infalibilidade do papa.

<sup>6</sup> *Fuga mundi*, é uma expressão tipicamente medieval própria dos monges que levavam vida eremítica. Constitui, a partir de Santo Antão (250), que o afastamento do mundo é uma regra de vida e um caminho certo para chegar ao céu.

Seminários, se orientarão todas as atividades didáticas e educacionais (SCHERER, 1979, p. 35).

Se ressalta, por estas palavras do Cardeal, a preocupação com a ortodoxia e com a instituição, o Seminário terá que seguir literalmente todas as orientações que regem a vida para a formação seminarística.

Nos primeiros anos da existência do Seminário só havia as férias de verão, que começavam nos primeiros dias de dezembro e se estendiam até o fim de fevereiro. Mesmo os quartanistas de teologia, ordenados na metade do ano, no começo só podiam ir para casa celebrar sua primeira missa junto aos familiares e para isso tinham que aguardar o fim do ano (SCHERER, 1979, p. 42).

Com estas breves análises, acompanhamos um pouco da forma como o Seminário Maior de Viamão foi gestado, e assim poderemos entender a maneira pela qual nele Nietzsche é recepcionado. Seguimos adiante acompanhando as diversas referências ao pensamento de Nietzsche no Seminário de Viamão.

### **Fontes, referências e escritos sobre Nietzsche no Seminário Maior de Viamão**

Antes propriamente de adentrarmos nos meandros da recepção de Nietzsche no Seminário Maior de Viamão, cabe uma palavra sobre a fundação da Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição. Principiando no ano de 1954, como curso seminarístico, os bispos que mantinham seus seminaristas neste seminário já desde cedo acalentavam o sonho de que o curso de Filosofia do Seminário obtivesse o seu reconhecimento civil. Assim, em 22 de janeiro de 1957, compareceu o Sr Franklin Olivé Leite para proceder à verificação se este curso preenchia os requisitos mínimos para o seu reconhecimento civil. A sua verificação, com uma carta de 24 de janeiro deste mesmo ano, foi concluída:

[...] encerrando nossa apreciação, resta-nos dizer que ficamos impressionados com o que nos foi dado observar, e assim, depois de tudo o que ficou exposto, chegamos à conclusão de que a Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Província Eclesiástica do Rio Grande do Sul, com sede no Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição da mesma província, em Viamão, Estado do Rio Grande do Sul, preenche, perfeitamente, as condições requeridas pelo artigo 4º. Do Decreto-Lei nº. 421, de 11/5/38, combinada com o Decreto-Lei nº. 2076, de 8/3/40 (SCHERER, 1979, p. 48-9).

Durante vários anos de sua existência, a Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição foi considerada uma das melhores faculdades de filosofia do país, seja pela qualidade de seu corpo docente, acervo bibliográfico, como também pela disciplina e organização dos estudos. Portanto, em um ambiente marcado por

tamanha rigorosidade e minúcia quanto a ordem e organização dos estudos, a abordagem filosófica de Nietzsche passou a ser considerada com suspeita, por não se enquadrar dentro daquele esquema lógico e racional, razão pela qual se lê em um manual de aula de Pe Carolo Boyer: “Em seguida, muitos deles, aqueles que, como Nietzsche e Spengler, o relativismo tem a liderança”<sup>7</sup> (BOYER, 1955, p. 197). Num modelo de formação como é o Seminário Maior de Viamão, tudo o que não se pode tolerar é o relativismo, já que seu surgimento se dá para suprir uma lacuna que se identificava no modelo de formação anterior, a saber, aquele liderado pelos jesuítas em São Leopoldo.

Apesar de, por um lado, conceber críticas a Nietzsche como relativista, como acabamos de acompanhar, por outro, percebemos que há reconhecimento direcionado a este filósofo como alguém sensível às mudanças próprias do contexto histórico, o que pode ser entendido dentro de uma compreensão orgânica, como atestamos nas palavras de Augusto Brunner: “Se na natureza se destrói toda a constância pela evolução das espécies, por que na espiritualidade admiti-la sem demonstração, mesmo contradizendo a evidência? Já em Nietzsche tomam vulto semelhantes dúvidas” (BRUNNER, 1955, p. 64). Há aqui nesta passagem, utilizando-se de Nietzsche, uma busca dirigida à compreensão sobre as mudanças que fazem parte da ordem natural. Parece contraditório, mas a natureza segue uma ordem que está assentada numa inconstância. Esta inconstância é atestada pela evolução e pela seleção natural das espécies, tal como Charles Darwin havia demonstrado a partir de suas investigações. Assim, como na ordem natural não se tem uma constância e regularidade no sentido de um acontecimento fixo das coisas, também o mesmo não se deriva da ordem espiritual. A própria observação empírica comprova a falta de regularidade nos acontecimentos. O que está sob o domínio do espírito, tal como na própria natureza, segue o princípio nietzschiano da organicidade. Neste âmbito, tudo passa a obedecer a um tipo de ordenamento que extrapola a lógica racional, incidindo sobre uma lógica comandada pelos impulsos e pelos afetos.

Portanto, faz-se necessário libertar-se da tirania da lei, como recorda o Pe. Federico Klimke neste seu manual de aula: “Hípias ensinou que a lei é o tirano dos homens (Protágoras, 337, D; conf. entre os recentes, Stirner, Nietzsche, Ellen Key)” (KLIMKE, 1956, p. 36). Nietzsche é mencionado como um exemplo daqueles que se desapegam do jugo da lei que aprisiona, impedindo que o ser humano se manifeste naquilo que ele é em si: manifestação de impulsos e afetos. É curioso que, neste âmbito, Nietzsche é tomado como um exemplo a ser seguido, quando em princípio parecia ter sido rejeitado no Seminário Maior de Viamão. A partir do exposto, constatamos que, embora Nietzsche seja altamente questionado com relação ao conteúdo de seus escritos, de maneira especial sua crítica à moral cristã, é valorizado pelo seu procedimento metodológico. Dentro desse debate, podemos

---

<sup>7</sup> *Deinde multi, qui ut Nietzsche et Spengler, relativismos usque ad extrema deducunt* (BOYER, 1955, p. 197).



notar o desapego à regularidade, própria da observância irrestrita a uma lei, que acaba impedindo que se viva a vida em sua plenitude. O procedimento metodológico apontado pelo filósofo alemão é o de abandonar a observância irrestrita da lei e investir em uma concepção de vida em plenitude. No entanto, Klimke (1956), neste mesmo escrito, adverte:

que pelas inúmeras coisas que performam já muitas das ideias de Friedrich Nietzsche, o panteísmo absoluto da filosofia transcendental e sua doutrina da identificação do homem autoconsciente com Deus, é levado às últimas consequências na vida prática, com a qual claramente se manifesta que este panteísmo destrói radicalmente a ordem moral e social. (KLIMKE, 1956, p. 512)

Em outras palavras, Klimke questiona a busca do homem para, pela sua vontade de potência, alcançar o cume, os pontos mais culminantes de potência, atingindo o estatuto de além-do-homem. Isto equivale a destituir Deus e outras realidades transcendentais, para que o próprio ser humano ocupe o seu lugar. Ele, o ser humano, passa a ser Deus, portanto, configurando um panteísmo, com consequências para a ordem moral, já que não há mais um ordenamento externo que esteja para além do ser humano, e para a ordem social, pois o que conta é o ser humano individualmente alcançar o cume do poder, em detrimento de todos os outros seres humanos.

Desta ocorrência na recepção de Nietzsche no Seminário Maior de Viamão, percebemos uma ênfase ao conteúdo da letra de Nietzsche. E, frente a este, são demandadas as críticas mais acerbas. Ainda neste mesmo texto, Klimke (1956, p. 523) faz uma análise de autores, como Schopenhauer, por causa da influência empregada sobre o trabalho de outros filósofos, entre os quais Nietzsche, no sentido de reverter o seu pessimismo em otimismo. Segue-se, aqui, mais uma vez, a valorização de Nietzsche enquanto propugnador de um procedimento metodológico.

Nietzsche, outrossim, é considerado como um filósofo voluntarista<sup>8</sup>. Pois é pela vontade que ele fará a afirmação de si mesmo, de modo que a volição ocupe o mais alto escalão daqueles que rumam ao além-do-homem. Por essa razão, o que conta não é a essência e sim a existência, e Nietzsche é muito bem recordado neste aspecto. O filósofo alemão, juntamente com outros como Descartes, Kant e Hegel, influenciaram a eclosão de uma nova tendência filosófica: o existencialismo. Estes muito têm contribuído na compreensão do fenômeno contemporâneo. Onde se depreende que Nietzsche novamente desponta como aquele que faz vislumbrar um método revolucionário, vindo a apontar novos caminhos para a compressão do ser humano. E, dentre estes caminhos, como já assinalamos, se destaca o evolucionismo. Vários foram aqueles filósofos que apontaram, em várias partes, o evolucionismo como um caminho revolucionário para a compreensão do ser humano: “Na Alemanha cabe assinalar a Friedrich Nietzsche (1844-1900)”

---

<sup>8</sup> Cf. KLIMKE, 1956, p. 524

(KLIMKE, 1956, p. 656). A posição anti-intelectualista contemporânea de Nietzsche<sup>9</sup> faz com que ele ocupe um papel de destaque entre a plêiade de filósofos que compõem o panorama filosófico.

Assim, de acordo com Klimke (1956, p. 679-80), a filosofia de Nietzsche consiste numa crítica ao intelectualismo e uma defesa do positivismo biológico e voluntarista. Nietzsche influenciou uma ética positivista e naturalista, com um acento no papel do indivíduo, opondo-se ao panteísmo racionalista e ao socialismo materialista. Há uma preocupação em situar Nietzsche dentro de um conjunto de sistemas e procedimentos metodológicos. Contudo, seus escritos se situam em um limite tênue entre o intelectual e o poeta.

Além de tudo o que até agora se produziu a respeito de Nietzsche, não poderia deixar de sublinhar uma certa associação com leituras de teor puritanista. Não que necessariamente este tipo de leitura seja considerado um discurso apologético ao nazismo, mas que pode, no mínimo, evocá-lo. Por exemplo, ao aproximar as leituras de Joseph Chamberlain (1836-1914), que era declaradamente arianista, com a de Nietzsche, se diz que:

De Chamberlain a Nietzsche não é grande a distância que há que percorrer. Só que Nietzsche é mais radical e conseqüente consigo mesmo: 'Não há nem espírito, nem razão, nem pensamento, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade; estas não são mais que ficções inúteis', tal como se depreende da Vontade de Potência (KLIMKE, 1956, p. 682).

Ora, dizer que em Nietzsche não há nada, nem alma, nem consciência, nem vontade, equivale a reduzi-lo a iconoclastia. Contudo, uma iconoclastia irrefletida, pois se radicaliza em demasia um tipo de leitura, tal como comumente se tem feito do filósofo alemão. Por essa razão, se percebe o quanto não se tem tomado a sério os escritos de Nietzsche, no sentido de desmistificar o seu significado, para além dos preconceitos, típicos de uma leitura apressada que dele se tem realizado.

Contudo, apesar de se pensar em um Nietzsche iconoclasta, é importante ter presente que esta iconoclastia já é reconhecida por um autor antes dele, que é Hegel. Padre Leatus Marcus Veit, em um manual de História da Filosofia a respeito da arte e da religião diz que:

A arte mesma e a mesma religião não são mais que dois momentos conservados e destruídos na síntese da filosofia. Hegel dizia que com ele a arte estava morta, e a partir de seu ponto de vista tinha razão. Também a religião morre com ele: antes que Nietzsche, Hegel pode dizer 'Deus está morto'. Já não existe Deus, com efeito, se é um 'Deus que se faz'; já não é autônoma a religião enquanto se resolve (se dissolve) na filosofia (VEIT, 1956, p. 474).

---

<sup>9</sup> Cf. KLIMKE, 1956, p. 659

Reconhecer que as imprecações contra o Cristianismo, de maneira particular com a expressão “Deus está morto”, já se manifesta antes de Nietzsche, em Hegel, consiste num dado importante, pois se faz justiça a uma correta compreensão e esclarecimento sobre um dado tão disputado, como é este sobre a morte de Deus. Por essa razão, nossa incursão sobre a recepção de Nietzsche no Seminário Maior de Viamão segue, neste momento, com uma análise e ponderação sobre alguns equívocos, consequência de uma má compreensão do filósofo.

### **Algumas ponderações sobre a recepção de Nietzsche**

De tudo o que analisamos até aqui, obtivemos alguns elementos importantes que nos permitem avaliar o tipo de recepção de Nietzsche do Seminário Maior de Viamão. Consiste numa recepção centrada na visão de Nietzsche como um autor perigoso para a formação daqueles que pretendem exercer o ministério ordenado. Com respeito ao conteúdo que se depreende da pena de Nietzsche, temos imprecações contra a moral e a razão, ambos elementos fundamentais para a estrutura institucional da Igreja; e com relação à forma, temos um tipo de recepção que aproveita a escrita de Nietzsche como ferramenta para se pensar situações como a arte, a vida, o ser humano e até mesmo a própria religião. Nesta ocorrência, num manual de História da Filosofia<sup>10</sup>, Nietzsche, juntamente com Kierkegaard, é considerado como representante de uma corrente de pensamento que combate o idealismo transcendental para pensar o conceito de pessoa humana.

Não é nossa intenção corrigir a leitura e interpretação realizada sobre o pensamento de Nietzsche no contexto do Seminário Maior de Viamão, mas, antes, trazer algumas ponderações que auxiliem a compreender o motivo de tal leitura, para avaliar em que medida tal recepção se aproxima ou não ao esclarecimento sobre o pensamento do autor em questão.

Seguindo a leitura que Veit (1956) faz de Nietzsche, cada querer individual é uma força cega que tende à expansão, constituindo uma luta de forças que compõe uma hierarquia, de modo que cada força quer atingir o seu assenhramento sobre as demais. Bem, este aspecto orgânico, que se depreende da leitura que Veit faz de Nietzsche, consiste numa recepção bastante razoável do filósofo alemão, no entanto, o problema está em derivar deste aspecto organicista e vitalista uma ficção sobre toda a ordem religiosa, tida, inclusive, como uma grande mentira. “A ordem metafísica e a ordem religiosa são colossais mentiras. ‘Deus está morto’ disse Nietzsche, e a moral e a religião cristã são daninhas e antinaturais” (VEIT, 1956, p. 561). Seria muito mais razoável considerar que Nietzsche ataca um tipo determinado de Cristianismo, e não este como um todo. A religião cristã daninha e

---

<sup>10</sup> Cf. VEIT, 1956, p. 531

antinatural é, na verdade, aquela que se assenta numa moral e não numa prática cristã, inspirada no tipo psicológico de Jesus.

Quanto ao conceito de “vontade de potência”, a leitura que Veit realiza está direcionada a uma concepção estática da mesma, a começar pela tradução que faz de *Macht* para poder e não, o que seria mais razoável, potência. Esta dimensão estática já cria um mal-entendido com relação ao próprio pensamento de Nietzsche, como vemos nesta citação:

A lei da vida é a lei da ‘vontade de poder’ (Wille zur Macht), que se manifesta e se enriquece de maneira sempre nova. Para a vontade de poder, as leis da moral comum (amor ao próximo, irmandade, perdão, piedade, etc.) são as leis mais débeis e dos escravos, de quantos não podem impor sua vontade aos demais. A moral de domínio é a oposta ao comum: não conhece outras leis senão as da própria vontade de poder, está mais além do bem e do mal. Cada vontade tem a forma mais potente de vida, a máxima expressão da própria energia (VEIT, 1956, p. 561).

A partir desta citação se percebe o quanto de incompatível há na simples tradução que se faz de *Macht* para poder. A expressão “poder” evoca uma realidade estática, portanto, oposta à concepção nietzschiana, que está alicerçada sobre uma concepção dinâmica do mundo da vida. Neste sentido, quando se fala em lei da vida, o termo lei, mais uma vez, está ligado a esta concepção estática e pétrea, própria de uma evocação jurídica, contrária à compreensão de Nietzsche. Ora, consiste num contrassenso falar em lei da vontade de poder, tanto por causa da dimensão pétrea, própria da lei, como pela ideia que o termo “poder” evoca, estaticidade e imutabilidade. Para se traduzir os textos de Nietzsche para outras línguas se faz necessário estar imbuído de todas as ferramentas necessárias para adentrar na compreensão de sua esfera de pensamento, o que exige um trato cuidadoso e refinado de seus termos.

Ligada à expressão vontade de poder, temos outra expressão tipicamente nietzschiana, o termo *Übermensch*, que Veit traduz como super-homem, o que, novamente, traz problemas para uma correta compreensão do mesmo, pois o termo “super” evoca a ideia de que algo atingiu o ápice da escala que se pode percorrer. Diferentemente do que ocorreria se fosse empregado o termo “além”, que, por sua vez, evoca a ideia de que se galgou um alto nível da escala de potência, atingindo a sua culminância, porém, que não é o grau definitivo, podendo ainda continuar a buscar alcançar graus ainda mais culminantes. O equívoco desta expressão se apresenta a partir desta citação:

Expressão autêntica da vontade de domínio é o super-homem (*Übermensch*), e a quem se manifesta todas as forças da vida, inclusive as daninhas. Daqui o desprezo que Nietzsche sente pela habitual vida burguesa e a exaltação que faz da ‘única’, do super homem. Outras vezes o termo ‘super-homem’ significa em Nietzsche ‘homem perfeito’, que tem a virtude

de dominar suas paixões, de submeter a besta que está latente em seu interior (VEIT, 1956, p. 561-2).

A compreensão estática do termo “super-homem” contradiz a noção nietzschiana de movimento, de ser o homem alguém que está sempre buscando se superar. Portanto, a ideia de superação é a que mais se aproxima a uma correta tradução do termo nietzschiano. A ideia de além do homem é a que melhor evoca esta superação constante.

Ainda uma doutrina, talvez a mais importante da filosofia de Nietzsche, é a do Eterno Retorno do mesmo. Veit associa muito bem a doutrina do eterno retorno com a noção de *amor fati*, ambos unidos em torno da ideia de acolhida e aceitação irrestrita.

Símbolo do perpétuo movimento vital é a teoria do eterno retorno, que Nietzsche toma do pensamento grego, nele que penetrou profundamente. O eterno retorno é entendido umas vezes como o retornar imutável de cada coisa e outras como evolutivo e produtor do super-homem. Porém sempre se trata de uma evolução necessária, que o homem deve aceitar e amar: *amor fati* ou submissão ao destino (VEIT, 1956, p. 562).

Se, por um lado, o eterno retorno consiste num retornar imutável e inexorável de todas as coisas, por outro, consiste num movimento evolutivo, criador de todas as coisas. Este elemento paradoxal do eterno retorno do mesmo foi muito bem captado por Veit, tanto que ele deixa entrever nesta doutrina um senso de mistério, o que bem caracteriza o eterno retorno<sup>11</sup>, a doutrina mais abissal de Nietzsche, como ele mesmo dela se pronuncia.

O caráter abissal e misterioso da doutrina do retorno, tal como Veit muito bem compreende, aponta para o voluntarismo vitalista de Nietzsche e que inspira um relativismo moral moderado, pois tudo depende da vontade, que é uma força cega a se impor sobre os destinos da vida humana, além do que cada momento está atingindo pontos sempre mais culminantes de potência. O eterno retorno não é pautado por regramentos lógicos, mas por uma força instintual que aspira atingir, ao mesmo tempo que a unidade, os mais altos cumes da potência; não uma unidade que se petrifica, nem uma potência que desagrega, mas uma unidade que se estabelece na diferença de pontos de força que se hierarquizam.

Veit apresenta uma perspectiva bastante interessante ao considerar a filosofia de Nietzsche uma metafísica, porém não uma metafísica abstrata da coisa em si, e sim uma metafísica existencial. Esta modalidade metafísica que Nietzsche inaugura tem como foco o drama existencial humano, próprio do fenômeno contemporâneo, razão pela qual, de sua filosofia, emergem Kierkegaard, Freud, Heidegger, Wittgenstein. Estes estão preocupados com o elemento metafísico

---

<sup>11</sup> A doutrina do Eterno Retorno, tal como Nietzsche a referencia em seu *Assim falava Zaratustra*, é considerada pelo próprio filósofo a sua doutrina mais abissal. Por esta, se depreende que todos os grandes acontecimentos que a humanidade viveu, novamente os tornará a viver, numa série infindável de vezes.

existencial<sup>12</sup>. A marca da metafísica existencial é pautada pela busca de um sentido para a existência humana, para além daquele sentido que até então marcou a cultura ocidental, com um viés lógico racional e implicações para uma ordenação moral. É um sentido que aponta para uma tipologia psicológica, da qual emana uma experiência de vida, uma prática, tal como o próprio Nietzsche viu em Jesus de Nazaré. Portanto, dentre os vários equívocos na leitura sobre Nietzsche, podemos também estabelecer algumas univocidades, referentes àquelas leituras que pactuam com uma interpretação da letra de Nietzsche, aceita pela comunidade dedicada à pesquisa Nietzsche.

Quando falamos em equívocos e univocidades na leitura de Nietzsche, vemos também que estes aparecem mesclados em uma mesma leitura, como esta que o Pe. Humberto Padovani apresenta ao discutir sobre a dimensão nietzschiana da educação e da cultura:

Nietzsche, quando discípulo de Schopenhauer, ainda não transviado pela doutrina do super-homem e pela loucura da ação do mundo, escreveu a esse propósito um ensaio famoso intitulado precisamente *Schopenhauer educador*. Nietzsche chama a Schopenhauer educador porque libertou o espírito humano dos nivelamentos, dos empecilhos e da escravidão do ambiente, da opinião pública e da massa popular (PADOVANI, 1957, p 344).

Se, por um lado, Nietzsche é valorizado por abrir uma perspectiva educacional que acentua a importância de se afastar de todos os tipos de nivelamentos e projetos massificadores, para que desse modo se alcance uma educação incentivadora da capacidade criadora, por outro, se enxerga um Nietzsche a acentuar a dimensão da ação humana no mundo com um toque voluntarista. Nesta mesma linha de pensamento, ao associar a filosofia de Nietzsche à dimensão da força, nesta ocorrência se constata mais um contrassenso:

O critério de verdade está no aumento da força, do poder, diz Nietzsche. Deus é uma criação imaginária dos povos fracos; finalidade suprema deve ser a produção de super-homens, imortal, ateu, violento, tirano, egoísta, agarrado à terra sem nunca levantar os olhos para os céus (não se deve esquecer que Nietzsche enlouqueceu aos poucos, terminando a vida completamente louco). Tal superioridade do ser-homem sobre a massa do povo, isola-o na solidão e na dor, porque o super-homem está aborrecido de ser homem (PADOVANI, 1957, p. 426).

De acordo com a leitura de Padovani, se, por um lado, há uma valorização do pensamento de Nietzsche pelo aspecto da força que substitui a dimensão da verdade, o que se apresenta como salutar, por outro, a sua crítica, ao reduzir Deus a uma criação imaginária do rebanho, é temerária. O próprio Nietzsche, em seus *Fragmentos Póstumos*, afirma ser Deus um ponto culminante de potência, ou seja, da força; Ele não pode ser, simplesmente, associado a uma criação fictícia, mas logo à

---

<sup>12</sup> Cf. VEIT, 1956, p. 625

própria força. Esta leitura de Nietzsche nos dá uma pista importante: a de perceber os equívocos que se depreendem de reduzir a compreensão deste autor apenas com base em escritos publicados, esquecendo, portanto, de consultar a riqueza que os inspira, sobretudo, nos *Fragmentos Póstumos* e no *Epistolário*. Outro preconceito é o de associar a sua enfermidade demencial ao fato de seu isolamento e autocentramento na concepção de super-homem. Isto revela um esclarecimento bastante incipiente sobre o filósofo. Pois é sabido que Nietzsche é um mestre do cultivo de si, para além de um narcisismo solipsista. Este cultivo de si mesmo valeu-lhe a consigna da associação do pensamento ao existencialismo: “Contribuí para a constituição do existencialismo também Nietzsche (1844-1900) com a sua doutrina do fortalecimento vital ou do super-homem” (PADOVANI, 1957, p. 436). Esta potencialidade vital é extraída por Nietzsche da leitura que este faz de Heráclito, como August Messer considera mediante estas palavras,

Provavelmente, procede desses ‘muitos’ a fama de ‘obscuro’ de Heráclito. Pelo menos, Nietzsche – pensador de análoga estrutura e intimamente aparentado a Heráclito – diz a esse respeito: ‘Provavelmente, nunca homem algum escreveu com maior clareza para um leitor leviano.’ Sem embargo, muitos dos seus fragmentos mostram uma linguagem de oráculo e alegorias dificilmente inteligíveis [...] Esta ordenação das coisas não é obra dos deuses nem dos homens, mas existiu desde sempre, e é e será um fogo eterno e vivo, que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas (MESSER, 1958, p. 29).

Esta referência, empregada por Nietzsche, à doutrina do eterno retorno, enfatiza que tudo no mundo perfaz ciclos de nascimentos e destruições, coincidindo assim o destino com o sistema solar. Tal como o sistema solar perfaz uma ordem determinada, assim o destino também perfaz a sua trajetória de maneira inexorável, cabendo ao ser humano nada mais fazer senão acolher. “Por consequência, a missão suprema do indivíduo consiste em pôr-se de acordo com o grande todo e a razão divina que o governa, dizendo ‘sim’ ao destino, sossegadamente e com plena confiança no divino, e amá-lo (*amor fati* chamou Nietzsche a esta disposição da alma)” (MESSER, 1958, p. 123). O dizer sim ao destino aponta para uma maneira de se expressar com liberdade e originalidade: “Mais ainda, é na luta heroica contra tudo que gravita e oprime, que devemos encontrar o supremo valor da vida, a vontade de poder, como vemos, por exemplo, em Nietzsche” (MESSER, 1958, p. 519). O elemento afirmativo em Nietzsche é muito bem acentuado, e com razão, pois é o que fundamentalmente caracteriza o seu pensamento. Messer aponta três grandes aspectos que permeiam a filosofia de Nietzsche: “[...] não admitir a metafísica, considerar as convicções humanas do ponto de vista de seu valor biológico e, por fim, enfim, o centro de gravidade na vontade e ação do homem” (MESSER, 1958, p. 581). Novamente, salta aos olhos o acento que se dá ao elemento voluntarista na filosofia de Nietzsche, o que cria um contrassenso à leitura de

Nietzsche, pois enfatizar demasiadamente a vontade e a ação do ser humano fere aquele princípio que o filósofo alemão aponta; o da fidelidade à terra.

Apesar de se realçar o aspecto afirmativo da vida em Nietzsche, no fundo se lê como uma negação de tudo o que evoca algum princípio metafísico e moral, como se depreende deste discurso de formatura preparado pelo paraninfo, o Pe. Ernani Fiori:

Terrível, no entanto, é o poder de negação de que dispõe o homem, pode até mesmo negar-se, obscurecendo e apagando na opacidade da agitação materializante, os traços de sua divina imagem. Negação que se disfarça sempre num anseio de falsa superação: em Nietzsche o homem é negado pelo super-homem (FIORI, 1958, p. 65).

Pelo discurso do Pe. Fiori, a superação de Nietzsche é aparente porque quer superar o que de per si não o pode, a saber, a realidade metafísica e moral, que são a base da cultura cristã. Mais diretamente tocando neste ponto, o discurso de paraninfo do Pe. Waldemar Puhl diz: “E mais modernamente, Nietzsche e seus adeptos, atacavam a religião cristã por contrariar a ação moral da lei de seleção, que tende a fazer desaparecer os seres mal conformados e ... ‘prolongar uma multidão de existências inúteis’” (PUHL, 1959, p. 103). Desta leitura se constata, de maneira bastante evidente, o elemento ultramontano, que põe em realce todo o aspecto da moral, em detrimento da experiência existencial. Desse modo, tudo o que, de alguma forma, critique a moral e o dogma, como é o caso do pensamento de Nietzsche, passa a ser considerado como perigoso, necessitando assim afastamento e abandono.

A ausência de livros desse filósofo na biblioteca do Seminário pode ser apontada como um dos motivos da distância de uma compreensão mais aproximada das reais ideias desse pensador. Constavam nesse espaço comentários avulsos sobre esse autor, os quais, em grande medida, estão contaminados com preconceitos sobre o autor. Os equívocos cometidos contra Nietzsche, tal como analisamos, se devem à ausência de leituras versadas nas letras do próprio Nietzsche. Além dos discursos de formatura acima, como verificamos, soa forte uma certa resistência às ideias do filósofo. Há, no entanto, uma orientação do Pe. Reitor Edmundo Kunz, sobre o uso de modelos filosóficos considerados como de suspeita, como se pode reconhecer neste discurso de aula inaugural: “Que, em tudo se procure o zelo por preparar um coração de pastor para além de um intelectual, portanto há que precaver-se com filosofias da suspeita como a de Nietzsche” (KUNZ, 1955, p. 12). Esta referência mostra, mais uma vez, o quanto a preocupação do programa formativo no Seminário de Viamão era o de constituir ministros ordenados obedientes às determinações e ordenamentos institucionais, em detrimento de uma formação crítica. Logo, pensamentos como o de Nietzsche foram considerados perturbadores dos ordenamentos então buscados. Isto tem resultado em leituras que se afastaram da letra do próprio autor, tanto do ponto de vista da apropriação de seus próprios escritos, como pelo uso, quase exclusivo, de comentadores aversos ao



seu pensamento. Estas ponderações, apresentadas no decorrer das leituras que se fazem de Nietzsche, se justificam na medida em que se compreende o porquê do tipo de recepção que se tem realizado sobre o seu pensamento.

O percurso realizado pelos anais, livros, revistas e discursos que permeiam a história do Seminário Maior de Viamão no que diz respeito à recepção de Nietzsche nos permitiu auferir algumas conclusões. Fruto de um movimento de discórdia, o Seminário viamonense traz em seu DNA algumas marcas que são dignas de nota, e que são sumamente importantes para entendermos o tipo de recepção que Nietzsche teve entre as suas paredes. O que mais marca a recepção do filósofo alemão lá pode ser resumido em alguns aspectos fundamentais que se apresenta em forma de três atitudes comportamentais: medo, incompreensão e preconceito.

Como longamente apresentamos no primeiro capítulo deste artigo, a origem do Seminário de Viamão ocorre pela discórdia entre o modelo de formação preconizado pelos formadores do Clero Arquidiocesano de Porto Alegre e o modelo dos jesuítas. Enquanto o clero de Porto Alegre aspira por uma formação protocolar, fiel ao magistério da Igreja Católica, os jesuítas estão preocupados em apresentar um modelo mais humanista, sensível às mudanças e transformações sociais e culturais. Com isso, o clero se vê temeroso com o modelo formativo dos jesuítas, sobretudo com o fato de que as mudanças sociais implicam em aventurar-se ao estudo de autores e teorias que escapam ao controle institucional, até então reconhecidos como adequados. Entre estes modelos, Nietzsche se apresenta como um autor destacado, razão pela qual, enquanto o Seminário de Central de São Leopoldo possui vastos volumes deste autor trazidos pelos missionários alemães, o Seminário Maior de Viamão não possui livros desse filósofo.

Ora, se na biblioteca do Seminário de Viamão não há nenhum livro de Nietzsche, mas apenas comentários avulsos sobre ele, então o que se pode concluir é um sentimento de descaso pelo filósofo. Se verifica que a sua filosofia não foi levada a sério. Não se buscou conhecê-la com mais profundidade, para assim se poder dela traçar um parâmetro pautado pela honestidade intelectual. Em várias passagens que analisamos em escritos sobre Nietzsche, vemos que o perfil enfermo de Nietzsche domina a imagem de seu pensamento. Por essa razão, conclui-se que não se pode levar a sério a obra de um doente, e ainda mais, de um doente mental. Esse descaso é ainda devido ao que Nietzsche fala sobre o Cristianismo, em sua crítica impiedosa. Contudo, não é uma crítica ao Cristianismo em si mesmo, mas a um tipo de Cristianismo, pautado sobre a moral institucional.

Assim, se não se conhece, com propriedade, a obra de um autor como Nietzsche a partir de sua própria letra, o que daí se deriva é falta de informação, raiz, em grande parte, de preconceitos. Este preconceito vem ligado a um misto de insegurança, por não saber como lidar com uma mente tão obscura e, ao mesmo tempo, como propriamente analisamos no material de recepção do autor, uma mente tão controversa. No entanto, apesar deste preconceito, vimos que, em alguns conceitos fundamentais de Nietzsche, se procura analisá-lo com

propriedade, como é o caso de conceitos como *amor fati*, eterno retorno, vontade de poder e super-homem. Talvez nestes dois últimos se tenha cometido algum preconceito, a começar pela própria maneira como são traduzidos do alemão. A tradução denuncia uma maneira inflexível e dogmática, contrária à própria concepção filosófica de Nietzsche, a qual inspira leveza, flexibilidade e movimento. Dentro deste molde, seria muito mais adequado ao espírito nietzschiano traduzir como “vontade de potência” e “além do homem”.

Logo, a nossa imersão nesta pesquisa de recepção de Nietzsche no Seminário Maior de Viamão levou-nos a dar um passo além no que diz respeito à compreensão do tratamento de um autor como Nietzsche em um ambiente dominado pela moral institucional ultramontana. Reafirmamos a necessidade do excuro empregado no decorrer do artigo, de uma análise historiográfica sobre a origem do Seminário de Viamão, para se compreender o tipo de recepção que nele ocupou o pensamento de Nietzsche. Uma instituição preocupada em assegurar o seu estatuto de guardião da ortodoxia e cumprimento das orientações que demandam de seus aparatos gestores, justamente, se coloca contra o que Nietzsche tem, na maioria de seus escritos, se manifestado a favor. Por essa razão, a crítica que o filósofo alemão endereça à moral cristã institucional acaba se adequando ao próprio modelo institucional representado pelo Seminário Maior de Viamão. Seja pelo medo, por um certo desconhecimento ou mesmo pelo preconceito, Nietzsche acabou ocupando um espaço marginal entre suas paredes.

### Referências bibliográficas:

BOYER, Carolo. *Cursus Philosophiae*. Ad usum seminariorum. Volumen Primum. Viamão, 1955.

BRUNNER, Augusto. *Os problemas básicos da filosofia*. Viamão, 1955.

FEILER, Adilson Felício. A recepção de Nietzsche a partir do Index da biblioteca do Seminário Central de São Leopoldo/RS. In: *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 38, n. 3, p. 237-258, setembro/dezembro, 2017.

FIORI, Ernani. Discurso pronunciado pelo Pe Ernani Fiori, Paraninfo do Curso de Filosofia Ciências e Letras do Seminário Maior de Viamão. In: *Anuário do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição de Viamão*, Viamão, 1958, p. 65.

KLIMKE, Federico. *História da Filosofia*. Viamão, 1956.

KUNZ, Edmundo. Discurso da Primeira Aula Inaugural do Pe Edmundo Kunz, Reitor do Seminário de Viamão. In: *Anuário do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição de Viamão*, 1955, p. 12.

MESSER, August. *História da Filosofia*. Viamão, 1958.

PADOVANI, Humberto. *História da Filosofia*. Viamão, 1957.

PUHL, Waldemar. Discurso pronunciado pelo Pe Waldemar Puhl, Paraninfo do Curso de Filosofia Ciências e Letras do Seminário Maior de Viamão. In: *Anuário do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição de Viamão*, Viamão, 1959, p. 103.

SCHERER, Vicente. *A história do Seminário Maior de Viamão. 25 anos 1954-1979*. Porto Alegre, 1979.

VEIT, Leatus Marcus. *História da Filosofia*. Viamão, 1956.

PUHL, Waldemar. Discurso pronunciado pelo Pe Waldemar Puhl, Paraninfo do Curso de Filosofia Ciências e Letras do Seminário Maior de Viamão. In: *Anuário do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição de Viamão*, Viamão, 1959.

SCHERER, Vicente. *A história do Seminário Maior de Viamão. 25 anos 1954-1979*. Porto Alegre, 1979.

VEIT, Leatus Marcus. *História da Filosofia*. Viamão, 1956.

---

Recebido: 23/05/2023  
Aprovado: 27/08/2023

Received: 23/05/2023  
Approved: 27/08/2023